

FINAL DE ANO COM LITERATURA

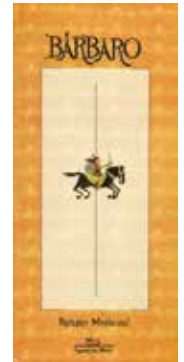
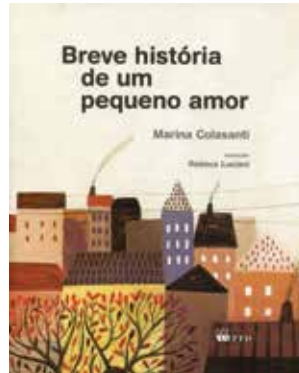
O ano de 2014 chega ao fim, encerrando uma etapa de intensas atividades e comemorações para a FNLIJ. O Brasil como o país homenageado na Feira de Bolonha, a presença da FNLIJ no evento desde 1974, somando 40 anos de conquistas para nossa literatura infantil e juvenil, o prêmio Hans Christian Andersen de ilustrador para Roger Mello, os 40 anos do 14º Congresso do IBBY realizado no Rio de Janeiro e do Prêmio FNLIJ, além da exposição na Biblioteca Nacional *Brasil: incontáveis linhas, incontáveis histórias*, proporcionaram meses de trabalho incessante com resultados notáveis. Sem esquecer das atividades realizadas todos os anos, como o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, os cursos para a Secretaria Municipal de Educação, o projeto Ecofuturo *Biblioteca Comunitária Ler é preciso* e o concurso Escola de leitores, do Instituto C&A.

O Natal chega, nos aproximando da família e de pessoas

queridas, lembrando de como esse momento é aguardado pelas crianças e trazendo uma oportunidade preciosa para visitar o mundo da fantasia por meio da literatura. Nossa sugestão para presentear no Natal são os livros vencedores da 40ª seleção anual do Prêmio FNLIJ, divulgados em maio deste ano. No site da FNLIJ também se encontram a publicação comemorativa dos 40 anos da premiação, contendo todos os vencedores desde a primeira edição, e a justificativa dos votantes. www.fnlij.org.br

Nesta edição do *Notícias* temos outra sugestão de leitura para o final de ano, o suplemento com a palestra da escritora colombiana Yolanda Reyes no 34º Congresso IBBY na Cidade do México em setembro: *Literatura, um espaço onde todos nos podemos reconhecer*. Na apresentação, Yolanda nos brinda com um sensível texto que revela o quanto a literatura nos ajuda a compreender nossas emoções.





O Melhor Livro para a Criança

Sete patinhos na lagoa
Caio Riter
ILUSTRAÇÃO Laurent Cardon
Biruta

Bichos do lixo
Ferreira Gullar
ILUSTRAÇÃO Ferreira Gullar
Casa da Palavra

(HORS-CONCOURS)
Breve história de um pequeno amor
Marina Colasanti
ILUSTRAÇÃO Rebeca Luciani
FTD

O Melhor Livro para o Jovem
Aos 7 e aos 40
João Anzanello Carrascoza
Cosac Naify

O Melhor Livro de Imagem

Bárbaro
Renato Moriconi
Companhia das Letrinhas

O Melhor Livro Informativo

Buriti
Rubens Matuck
Peirópolis

O Melhor Livro de Poesia

Antologia ilustrada da poesia brasileira: para crianças de qualquer idade
ORGANIZAÇÃO Adriana Calcanhoto
ILUSTRAÇÃO Adriana Calcanhoto
Casa da Palavra

Entre linhas
Angela Leite de Souza
ILUSTRAÇÃO Angela Leite de Souza
Lê

O Melhor Livro Brinquedo

Casa das bonecas: desvende os segredos de um lar vitoriano
Jemima Pipe
TRADUÇÃO Rafael Mantovani
ILUSTRAÇÃO Maria Taylor
Salamandra

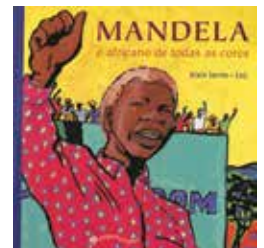
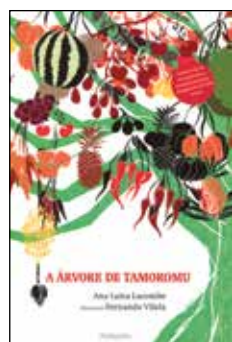
O Melhor Livro de Teatro (HORS-CONCOURS)

A excêntrica família Silva
Karen Acioly
Rocco

O Melhor Livro Teórico

Ziraldo e o livro para crianças e jovens no Brasil: revelações poéticas sob o signo de Flicts
Vânia Maria Resende
Paulinas

Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas
ORGANIZAÇÃO Leo Cunha
Positivo





O Melhor Livro Reconto

A árvore de Tamoromu

Ana Luíza Lacombe

ILUSTRAÇÃO Fernando Vilela

Formato

O Melhor de Literatura em Língua Portuguesa

Uma escuridão bonita: estórias sem luz elétrica

Ondjaki

ILUSTRAÇÃO António Jorge Gonçalves

Pallas

A Melhor Tradução/Adaptação Criança

Abra este pequeno livro

Jesse Klausmeier

TRADUÇÃO Alípio Correia de

França Neto

ILUSTRAÇÃO Suzy Lee

Cosac Naify

A Melhor Tradução/Adaptação Informativo

Mandela: o africano de todas as cores

Alain Serres

TRADUÇÃO André Telles

ILUSTRAÇÃO Zaiü

Pequena Zahar

A Melhor Tradução/Adaptação Jovem

Trash

Andy Mulligan

TRADUÇÃO Antônio Xerxenesky

Cosac Naify

A Melhor Tradução/Adaptação Reconto

No oco da avelã: adaptação de um conto popular escocês

Muriel Mingau

TRADUÇÃO Chantal Castelli

ILUSTRAÇÃO Carmen Segovia

Edições SM

Escritor(a) Revelação

A perigosa vida dos passarinhos pequenos:

baseada em fatos reais

Miriam Leitão

ILUSTRAÇÃO Rubens Matuck

Rocco

Ilustrador (a) Revelação

Abecedário poético de frutas

Roseana Murray

ILUSTRAÇÃO Cláudia Simões

Rovelle

Melhor Ilustração

Histórias de bichos

Liev Tolstói

TRADUÇÃO Vadim Nikitin

ILUSTRAÇÃO Lelis

Edições SM

Melhor Projeto Editorial

Buriti

Rubens Matuck

Peirópolis

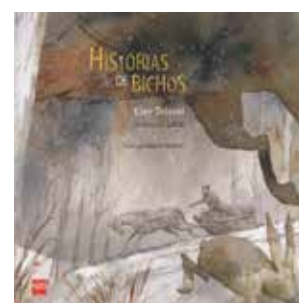


Ilustração de Roger Mello para a capa da *Bookbird* vai a leilão



Arte da capa da revista *Bookbird*.

A capa da quarta edição da *Bookbird* deste ano, criada por Roger Mello, teve sua arte doada pelo ilustrador para ser leiloadada em benefício do fundo IBBY *Crianças em Crise*, para as crianças cujas vidas estão em risco por motivo de guerra, desordem civil ou desastre natural.

Parte da quarta edição desse ano da revista foi dedicada ao Prêmio Hans Christian Andersen de 2014, homenageando seus vencedores e os autores finalistas da premiação. Além de assinar a capa, Roger é objeto de três artigos: *Roger Mello: A Sea of Stories*, de Graça Lima (ilustradora e professora no Rio de Janeiro) e Claudia Mendes (designer gráfica, Universidade Federal do Rio de Janeiro), ambas indicadas pela FNLIJ para a *Bookbird* e que fala dos múltiplos métodos que Roger utiliza para contar

suas histórias; *Mello and His Precursors: Invisible Threads*, de María Gracia Pardo (Universidade Católica André Bello, BA e Universidade de Miami) - que participou do 14º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens em 2012 - examina a influência do Brasil e da modernidade em sua arte; e *Verbal-Visual Narrative and the Development of Brazilian Identity in the Work of Roger Mello*, de Flávia Brocchetto Ramos (Universidade de Caxias do Sul) e Marília Forgearini Nunes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), traz análise do livro *Cavalcadas de Pirenópolis*.

Nahoko Uehashi: Cultural Anthropologist and Storytelling Creator of Imaginary Worlds, de Junko Yokota e Reina Nakano Andersen é o artigo sobre a vencedora da categoria escritor do Prêmio Hans Christian, a japonesa Nahoko Uehashi,

que fornece uma visão geral dos mundos de fantasia criados por ela.

A revista também apresenta ensaios sobre os dez escritores e ilustradores finalistas do Prêmio Hans Christian Andersen.

Abaixo, reproduzimos o primeiro parágrafo do editorial da americana Roxanne Harde, professora de literatura e cultura americana na University de Alberta, Estados Unidos.

“Esta edição da *Bookbird* concentra, em parte, no Prêmio Hans Christian Andersen deste ano, anunciados pelo IBBY na Feira do Livro Infantil de Bolonha, em março e entregues durante a cerimônia de premiação no Congresso IBBY na Cidade do México, em setembro. Roger Mello, vencedor do Prêmio Ilustrador, doou a arte original que enfeita a capa da edição [...]. Como Roger escreve [...], a árvore de

Vamos trazer para o Brasil a arte de Roger Mello. Faça o seu lance também!



Roger Mello e Elizabeth Serra com a arte. no México.

paxiúba tão proeminente em sua pintura é um símbolo de mudança, assim como os livros transportados por barcos e insetos para as profundezas da selva amazônica. Estou profundamente grata por ter esta linda imagem na minha última edição como editora da Bookbird.”

A revista Bookbird está disponível apenas em edição impressa, somente os números antigos entre 1963 e 2008 podem ser acessados pelo site www.literature.at.

Para assinar a Bookbird, entre no site www.press.jhu.edu/journals/bookbird/.

Os lances para o leilão da arte de Roger Mello podem ser enviados por e-mail para BookbirdAuction@gmail.com até o dia 1º de março de 2015. O vencedor será anunciado na coletiva de imprensa do IBBY na Feira do Livro de Bolonha, em março de 2015.

Roger Mello indicado para o Prêmio ALMA 2015

Roger Mello está entre os indicados para o Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA) 2015, da Suécia, em lista anunciada no dia 9 de outubro na Feira do Livro de Frankfurt. Boel Westin, o próximo presidente do júri ALMA, divulgou os nomes dos 197 candidatos de 61 países, entre eles 50 indicados estão concorrendo pela primeira vez.

Esta é a segunda vez que o ilustrador brasileiro é candidato ao ALMA, em 2010 Roger foi indicado pela FNLIJ ao prêmio, ao lado de Bartolomeu Campos de Queirós. A escritora Lygia Bojunga foi a primeira brasileira a receber o prêmio ALMA, em 2004.

Os candidatos - autores, ilustradores, contadores de histórias orais, e indivíduos e organizações envolvidos na promoção da leitura - foram indicados por mais de 100 organizações em todo o mundo. A organização do prêmio convida as instituições a fazerem suas indicações, que serão analisadas pelos os jurados e as divulgam por país e não por instituição. De acordo com o regulamento o próprio júri pode apresentar indicações. A lista completa dos indicados de 2015 está no endereço <http://www.alma.se/en/Nominations/Candidates/2015/>

Segundo Westin, o júri está ansioso para conhecer mais sobre as obras e realizações dos candidatos. *A lista de indicados é um conjunto maravilhoso de autores ativos, contadores de histórias, ilustradores e promotores de leitura de grande variedade. Espero que a lista seja distribuída e discutida em todos os contextos possíveis com uma conexão para literatura infantil e juvenil.*

O vencedor do Prêmio ALMA 2015 será anunciado no dia 31 de março de 2015, durante a Feira de Bolonha, por meio de transmissão ao vivo da Suécia. Após receber o prêmio Hans Christian Andersen de 2014, Roger Mello representa o Brasil em mais uma importante láurea da literatura infantil e juvenil.



Ilustração do livro *Cavalhada de Pirenópolis*, de Roger Mello.

34º Congresso do IBBY - México



Realizado a cada dois anos, o encontro das seções IBBY (International Board on Books for Young People) aconteceu na Cidade do México, organizado pela seção A leer IBBY México, de 10 a 13 de setembro e reuniu 971 congressistas de 66 países, onde 56 seções estiveram representadas. Os Congressos do IBBY são organizados pelas seções dos países sede, que se candidatam para receber o evento, arcando com seus custos, em um grande esforço para acolher os membros que vêm de várias partes do mundo. Para participar do congresso são cobradas inscrições, que dão direito também aos almoços e transporte para os eventos.

A FNLIJ organizou em 1974 o 14º Congresso do IBBY Rio que teve o tema *O livro como instrumento na formação e no desenvolvimento da criança e do jovem*, com apoio do MEC.

A equipe da A leer IBBY México se preparou com muita dedicação e apresentou um belíssimo congresso.

Em 2012, o México foi o país homenageado no 14º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, que recebeu a Diretora Geral Azucena Galindo, para também divulgar o Congresso.

A leer México

A nova sede do A leer México, localizada em uma antiga casa reformada, foi visitada por Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ e representante da seção brasileira no congresso. O rés-do-chão foi aprofundado, criando espaço para os escritórios da equipe e salas de reunião, além de um acervo com livros estrangeiros, de literatura e teóricos, apresentando diversos títulos brasileiros. A casa abriga uma livraria, bibliotecas para atender a distintos públicos e salas para realização de cursos e eventos. Uma exuberante

araucária recuperada no jardim central encanta os visitantes.

A casa é um comodato com a Fundação Alfredo Harp Helú, proprietária do imóvel que investe em cultura e em bibliotecas.

Que todos signifiquem todos

Tendo como ponto de partida o tema *Que todos signifiquem todos - A leitura como experiência de inclusão*, o 34º Congresso IBBY ofereceu uma intensa programação de palestras e encontros, que promoveu a troca de reflexões e experiências sobre a literatura infantil e juvenil e práticas de leitura.

No Congresso do IBBY acontece a entrega dos prêmios da instituição, o Hans Christian Andersen e o Asahi, de promoção de leitura, além dos eventos que fazem parte da agenda em todos os congressos: a Lista de Honra, uma seleção das seções de livros marcantes publicados recentemente; a Assembleia Geral, onde os delegados das seções votam para presidência e comitê executivo, e o Fórum, uma oportunidade para os membros do IBBY, reunidos por região geográfica discutirem e compartilharem experiências, problemas e sucessos. A programação do congresso ficou dividida em vários espaços. Na Biblioteca do México aconteceu a cerimônia de abertura e entrega do Prêmio Hans Christian Andersen, a programação acadêmica foi sediada no Hotel Fiesta Americana Reforma, no Papalote Museu da Criança houve a entrega do Prêmio Asahi, o Museu Franz Mayer recebeu exposições e ofereceu o coquetel de encerramento e o Palácio de Bellas Artes, apresentou o concerto de encerramento.

Além de estar presente nos seminários, Elizabeth Serra participou também das reuniões reservadas aos membros das seções nacionais da organização.

Cerimônia de abertura e entrega do Prêmio HCA

A cerimônia teve lugar no belíssimo prédio da Biblioteca do México e iniciou-se com os discursos de boas-vindas do administrador Federal de Serviços Educacionais, Luis Ignacio Gómez Sánchez e do diretor do IBBY México, Bruno Newman. A vice-presidente do IBBY internacional Hasmig Chahinian destacou os objetivos da instituição em sua fala, ressaltando que a promoção da leitura enfrenta sérios riscos, como a destruição de bibliotecas na Faixa de Gaza, e anunciou a criação do Fundo IBBY Crianças em Crise, projeto da instituição, com o objetivo de fornecer apoio para as crianças cujas vidas foram devastadas pela guerra, desordem civil ou desastre natural.

Também estiveram presentes na mesa a Diretora Geral do A leer IBBY México, Azucena Galindo, muito aplaudida pelo público; o CEO de Bibliotecas, Fernando Alvarez del Castillo; Presidente do Conselho Nacional para Prevenir a Discriminação (CONAPRED), Ricardo Bucio Mujica; e o presidente da empresa SM Espanha, Luis Fernando Crespo.

A longa duração da solenidade fez com que parte da plateia deixasse o local antes da entrega do Prêmio Hans Christian Andersen, que aconteceu no seu final. A presidente do júri, María Jesús Gil, entregou as medalhas aos vencedores Nahoko Uehashi, do Japão, na categoria escritor e Roger Mello, do Brasil, como ilustrador.

No palco, Nahoko Uehashi declarou que aborda suas histórias utilizando os animais dos contos de sua avó, geralmente gatos e raposas, sábios e que expressam emoções como nós.

Roger Mello iniciou sua fala homenageando o país sede do 34º Congresso IBBY, lembrou as antigas culturas mexicanas, citou ilustradores brasileiros e ilustrou sua fala com imagens de desenhos de Caribé, artista pioneiro do livro no Brasil. O discurso de Roger, que foi apresentado intercalado em três idiomas, espanhol, português e inglês, está disponível no site da Fundação, <http://www.fnlij.org.br/site/aconteceu.html>.



Mesa de abertura do 34º congresso IBBY.



Nahoko Uehashi e Roger Mello, com a medalha do Prêmio Hans Christian Andersen.



Comitê executivo do IBBY eleito para o biênio 2014-2016.



Fanuel Hanán, Piet Globber, Akoss Ofori-Mensah, Evelyn Arizpe e Roger Mello na mesa *Inclusão na literatura infantil e juvenil*.



Nilma Lacerda.



Roger Mello e Cao Wenxuan apresentam o livro *A Feather*.

A cerimônia foi prestigiada pelo Cônsul Geral brasileiro da Cidade do México, João Solano Carneiro da Cunha, pelo Chefe do Setor Cultural da Embaixada do Brasil no México, Gustavo Pacheco e pelos representantes do Centro Cultural Brasil-México, a diretora Ana Gilka Duarte Carneiro e o Coordenador Cultural José Vázquez Durán.

O Congresso

O tema *Que todos signifiquem todos – A leitura como experiência de inclusão* foi dividido em cinco eixos de discussão: Conceito de inclusão, Inclusão em literatura infantil e juvenil, Literatura como lugar acolhedor, Literatura - um espaço em que todos sejam reconhecidos e Ações de inclusão.

Além da programação, que contou com 27 palestrantes nas sessões plenárias e 90 nas sessões paralelas, foram apresentadas oito exposições, entre elas *Isso tudo significa tudo*, apresentando o trabalho de 34 ilustradores mexicanos, e *Maneiras de sair da terra de ninguém*, sobre a vida de Jella Lepman, fundadora do IBBY.

A entrega do prêmio Asahi, de promoção da leitura e concedido a cada dois anos, foi destaque no Papalote Museu da Criança, dia 12 de setembro. A premiação, criada em 1987, tem como parceiro o jornal japonês Asahi Shimbun e é concedida a grupos e instituições de pesquisa que têm contribuído para a distribuição de livros e atividades de promoção da leitura entre crianças e jovens. Os vencedores dessa edição foram The Children's Book Bank, do Canadá e PRAESA - The Project for the Study of Alternative Education in South Africa (O Projeto para Estudos de Educação Alternativa na África do Sul).

Na programação acadêmica, Roger Mello participou da mesa *Inclusão na literatura infantil e juvenil*, no dia 11, com Evelyn Arizpe, professora inglesa, Akoss Ofori-Mensah, editora de Gana, Piet Grobler, ilustrador inglês, e mediada pelo escritor venezuelano Fanuel Hanán, membro do júri do prêmio HCA que elegeu o ilustrador. Em sua fala, Roger declarou que a inclusão é o tema da arte e mencionou o trabalho que está sendo feito no Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília, cuja arquitetura exemplar permite converter em um espaço aberto para arte e livros.

Roger também apresentou o livro *A Feather*, do escritor chinês

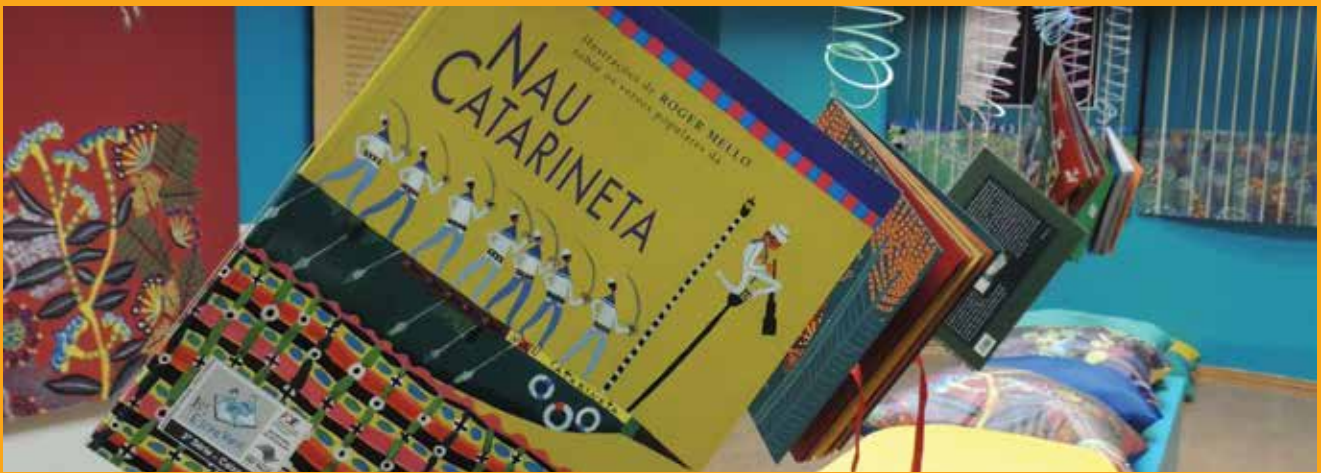
Cao Wenxuan ilustrado por ele e publicado pela editora chinesa China Children's Press and Publication Group, por iniciativa de Mingzhou Zhang, do IBBY da China, que esteve no Brasil em 2005 e visitou a Fundação para divulgar o Congresso do IBBY em Hong Kong. A ideia da parceria com Wenxuan surgiu na Feira de Bolonha de 2013 e o livro já ganhou edições na Dinamarca, cujo editor é Vagn Plenge, do IBBY do país, e Suécia. Durante todo o congresso, Roger foi muito requisitado pelos participantes para fotos e entrevistas.

As sessões paralelas também contaram com a participação brasileira. A escritora Nilma Lacerda fez palestra com o título *Incluir significa estar do lado de fora da jaula: perspectivas na ficção para jovens na América Latina*, a pesquisadora Elisa Duque Neves dos Santos destacou a poesia de Manoel de Barros, a professora Maria Laura Pozzobon analisou o livro *Um Garoto Chamado Rorbeto*, de Gabriel o Pensador e Silvana Gili, da Universidade Federal de Santa Catarina e Tânia Piacentini, votante da FNLIJ, falaram sobre o projeto *A Barca de Livros*, de Florianópolis. Nas sessões de pôster, Wania Maria Previattelli falou sobre *A importância da leitura feita na interação dos alunos veteranos e novos*.

Com apoio da PwC, a FNLIJ levou 300 exemplares da edição Especial do *Notícias 6*, em inglês, sobre Roger Mello, que foi muito apreciada e logo se esgotou. Outra publicação distribuída foi o release sobre o 16º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, apresentando o resultado final do evento que aconteceu no Rio de Janeiro 28 de maio a oito de junho, divulgado também na seção *News* do site do IBBY, www.ibby.org.

A Assembleia Geral do IBBY, que elegeu o presidente e o comitê executivo de 2014-2016, aconteceu no dia 13. O belga Wally de Doncker, ex-professor, escritor e especialista em LIJ, foi eleito o novo presidente do IBBY, e a editora Patricia Aldana, que tem nacionalidade guatemalteca e canadense, além de ter sido presidente do IBBY, foi eleita presidente do júri do Prêmio Hans Christian Andersen 2016.

O próximo país a sediar o congresso é a Nova Zelândia, em setembro de 2016, com o tema *Literature in a Multi-Literate World*. O objetivo é celebrar a multiplicidade de alfabetização e de literatura.



Exposição *Roger e seus jardins* no Centro Cultural Brasil-México

A FNLIJ cedeu os arquivos da exposição *Roger e seus jardins*, criada por Christiane Mello e Maíra Lacerda, do Estúdio Versalete, e apresentada no 16º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens para o Centro Cultural Brasil-México. Inaugurada no dia 12, a exposição teve seus textos traduzidos para o espanhol e expostos em um ambiente criado pela equipe do Centro, com local para leitura dos livros que pendiam do teto sobre um banco onde as almofadas foram impressas com detalhes das ilustrações. Toda a produção realizada pela equipe do Centro Cultural Brasil-México foi preparada com muito cuidado e carinho, resultando em uma apresentação muito bonita e acolhedora. A cerimônia de abertura da exposição foi precedida por um pequeno encontro com Roger, que conversou com os visitantes sobre sua obra e contou com a presença de Elizabeth Serra representando a FNLIJ.

Estiveram presentes na inauguração congressistas brasileiros e o público mexicano era formado pelos alunos de português do CCBM. A FNLIJ tem contribuído para aumentar o acervo de livros infantis e juvenis da biblioteca do Centro Cultural Brasil-México, que recebeu nessa e em outras ocasiões títulos levados pela Fundação. A diretora Ana Gilka Duarte Carneiro faz um belo trabalho de divulgação da língua portuguesa por meio dos livros de LIJ, divididos em caixas, por nível de complexidade dos textos e usados pelos alunos adultos do curso.



José Vázquez Durán, Ana Gilka e Elizabeth Serra no momento da entrega de livros para o CCBM.



Elizabeth Serra, Ana Gilka e Roger Mello.





A luz da escuridão: Literatura, um espaço onde todos nos podemos reconhecer

POR YOLANDA REYES

TRADUÇÃO DE GIOVANNA GARCIA

Dentre todas as excelentes palestras apresentadas no Congresso, o Notícias FNLIJ publica em seu suplemento a fala da escritora e educadora colombiana Yolanda Reyes: *Literatura, um espaço onde todos nos podemos reconhecer*.

Para Yolanda, a literatura é o abrigo onde podemos lidar com o que não está autorizado a ser dito no nosso cotidiano, ajudando a encarar emoções que estão lutando dentro de nós desde o início da vida. Na palestra, a escritora cita *Espantapájaros*, um projeto criado e liderado por ela na Colômbia, formado por uma equipe interdisciplinar de especialistas em literatura infantil, promoção da leitura e da pedagogia artística, com uma vasta experiência na educação de crianças e adultos leitores. Yolanda tem livros publicados no Brasil, como *Terça-Feira: Quinta Aula e É Terminantemente Proibido, Um amor grande demais, Meu Bicho de Estimação, Um Conto que não é reconto, Uma cama para três, A Pior Hora do dia e Frida*, da Editora FTD, e *A Casa Imaginária - Leitura e Literatura na Primeira Infância*, da Global; e costuma ser convidada para fazer palestras no país. A Fundação contou com a presença da escritora no 15º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens e na 2ª Feira Literária de São Bernardo do Campo, em 2013.

I. “Eu perdi o medo da dor das crianças”, me surpreendi enquanto me ouvia dizer a frase, diante de um grupo de líderes comunitários em uma biblioteca. Havíamos chegado a um desses povoados de terra quente colombianos, que quem sabe alguns de vocês poderão associar com o mítico “Macondo” de García Márquez e que conhecemos como povos do Caribe, apesar de muitos deles não terem vista para o mar. As pessoas desse povoado tentavam retomar a vida que havia sido roubada antes e depois, por causa de um massacre paramilitar, em fevereiro de 2000, quando alguns homens armados tiraram-nas de suas atividades cotidianas e foram matando, reunidos na praça ou pelas calçadas e caminhos de acesso, muitos homens e mulheres, a quem haviam estigmatizado como colaboradores da guerrilha.

Eu conhecia a história antes de ir, tinha lido no jornal na época, como soube também de outros massacres que ocorreram nas últimas décadas no meu país e que converteram a população civil desarmada em objetivo de guerra, mas uma coisa é conhecer a história filtrada pelos diários ou abafada pelos noticiários, desde um apartamento em uma zona residencial de Bogotá, e outra é escutar as vítimas, repetindo esse ritual tão necessário e curador, de começar de novo a contar o que viveram, mesmo sem entender. De modo que aí estávamos, assistindo a um dos rituais mais

antigos da humanidade: o de amarrar palavras, umas ao lado das outras, para rebobinar os fatos novamente - mais uma vez, como pedem as crianças - e não só para contar a história para nós, os forasteiros, mas também para voltar a contá-los entre eles mesmos: a si mesmos.

Seguindo hierarquias implícitas, talvez defasadas de um mundo patriarcal, haviam falado os homens no começo: primeiro os líderes com maior trajetória, após, outros mais jovens, por fim, o grupo das mulheres. Uma delas contou que havia subido seus filhos no burro, com uma televisão comprada recentemente, para que pudessem fugir pela montanha e se salvarem - velhos gestos que a literatura converteu em símbolos: o burro, os tesouros e, sobretudo, o instinto de colocar a salvo as crianças -, e acrescentou que mesmo depois de tantos anos, havia muitos detalhes sobre de onde estiveram seus filhos durante esses dias terríveis e o que comeram e o porquê dos caminhos terem se aberto, que não havia contado.

Embora todos os testemunhos fossem esmagadores, notei, entre os dos homens e os das mulheres, uma diferença refinada: os homens tendiam a relatar feitos, enquanto as mulheres se detinham mais nas sensações, nas emoções e nas palavras que ainda não haviam dito. Emoldurada pela singularidade e pela cor de cada voz, a memória que às vezes é considerada como uma única, aqui se releva em toda sua polifonia: muitas memórias, fragmentos de memórias, com timbres, tons e também corpos diferentes, e notei como aquela descontinuidade entre os feitos que nos motivam a contar uma e outra vez, para buscar sequência que dê unidade temporal e espacial à brutalidade dos eventos, tem também, variações de gênero. Todo relato, toda memória, sabemos que é uma busca de sentido, uma interpretação, e como eu havia sido convocada para esse encontro por escrever para crianças, por tentar dar palavra *Aos buracos negros*, que é o título do livro que ia ler nessa biblioteca, quis indagar sobre o que as crianças sabiam.

-As crianças? - me perguntaram surpreendidos

-Sim, como falam disso com as crianças? - insisti, mas ao ver as feições de surpresa, corrigi a pergunta - Vocês falam sobre isso com as crianças?

Deram-me respostas do tipo “eles eram muito pequenos, ou não se lembram, ou não entendem ou nasceram depois do massacre”. O “claro que já nos ouviram falar sobre isso, mas diretamente, no que diz respeito a falar com eles, para eles, não. Como estamos falando aqui, não”.

Era um povoado pequeno e as crianças maiores e os adolescentes ainda não tinham ido dormir, continuavam passando por ali. Havia se passado treze anos desde o massacre e os adultos não deixavam de falar sobre isso, não podiam deixar de falar do massacre, mas acreditavam que as crianças não escutavam.

- As crianças têm ouvidos – falei –, como costume dizer aos pais dos mais pequeninos quando dizem que não sabem como lidar com seus filhos aí, ouvindo-os falar.

- Quantos anos você tinha em fevereiro de 2000? – perguntei a um dos líderes mais jovem.

- Onze. – me respondeu. Senti que na voz dele saía um registro distinto ao que já havíamos escutado no seu primeiro relato e pensei na lucidez, na sensibilidade e nos onze anos: essa idade que temos as sintaxes e as perguntas, todas adultas, e está para começar uma revolução hormonal da adolescência. Coloquei-os para pensar em como eles eram aos onze anos, e creio que entendemos, desde o fundo de cada infância, que nessa idade se sabe quase tudo.

Foi nesse momento que saiu a frase: Eu perdi o medo da dor das crianças.

Soou forte. E não era verdade, é claro. Veio-me a cabeça uma frase de Toni Morrison: “Em algumas sociedades há pessoas cujo trabalho é recordar”. E me ocorreu que meu trabalho, (nosso trabalho) estava ancorado nisso: recordar e dar palavra.

Acompanhar as crianças uma ou mil vezes *aonde vivem os monstros* e vê-los fixamente pelos olhos amarelos, sem picar nenhuma vez, como faz Max, o rei de todos os monstros (personagem do livro *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak). No outro dia, inspirada no truque de mágica, li contos a esses líderes adultos, homens em sua maioria, que haviam visto matar e morrer, fugido de seu povo, mas que logo, em um ato de valentia, decidiram regressar a esse lugar povoado de fantasmas, para assumir as tarefas de reconstrução material e simbólica de sua terra arrasada, mas que tinha tanto medo de falar com as crianças. Sentados em círculo e olhando fixamente para os olhos brilhantes da minha fala, me senti como aquela bibliotecária do livro de Magaret Mahy (escritora neozelandesa de LIJ), ou como a mesma Scherezade, tão pouco proativa para resolver assuntos práticos, tão vulnerável para correr ou fazer tarefas de coordenação ou força, tão inferior a todos eles em assumir tragédias, mas “tão Scherezade”, procurando buscar palavras para falar de coisas incalculáveis; procurando abrir caminhos até a alma das crianças que haviam passado pelos artistas e que nos levaram de volta a alma de nossa própria infância. Lemos *A árvore vermelha* de Shan Tan e foi comovente ver como um livro sobre uma árvore vinda de tão longe deu sombra e abrigo a esse povo. Lemos esse livro duas vezes: uma menininha desse povoado de nove anos, que ao que parece já o tinha lido muitas vezes, pois sabia quase todo de cabeça, e eu. Em uma menina estão todas as meninas. Pensei em Ana², em Bogotá.

II. Eu não havia perdido o medo da dor das crianças.

A mãe de Ana estava morrendo. Ana era uma das leitoras da biblioteca de *Espantapájaros* e tinha três anos. Ultimamente, falávamos muito com seu pai no jardim, enquanto ela jogava com

as outras crianças. Saía correndo e voltava, para tocá-lo e verificar se ainda estava ali, como forma de espiar as conversas adultas quando querem, mas ao mesmo tempo com medo de escutar o que dizemos. Falávamos de como evoluía sua mãe: se melhorava ou piorava, qual acontecia com mais frequência, e buscávamos também formas de ajudar a família a planejar esses últimos dias, que apesar de tudo, não havia perdido as esperanças.

A mãe de Ana foi um dia à emergência do hospital e entre uma complicação e outra, não voltou para casa. Tinha saído de casa, como nos outros dias desde que ficou doente, e talvez porque pensou que ia voltar ou porque não estava se sentindo muito bem e não queria angustiar Ana, foi sem despedir-se. Agora, depois de vários meses no hospital, era importante que se vissem. Tudo isso conversamos no jardim e também com Ana, abraçando-a e consolando quando ela fica triste e tentando dar palavras ao feito inexplicável de que sua mãe, para quem ela era o mais importante, se foi assim, sem dizer nada.

Como se pode explicar isso?

Embora minha formação se apoie em diversas disciplinas e saberes relacionados com a infância, eu tinha tido uma formação complementar que vou chamar “autodidata”, para falar com as crianças sobre coisas difíceis e grande parte dessa formação devo à literatura, que foi um refúgio para lidar com tudo aquilo que não me era permitido dizer na vida cotidiana. Não fui vítima de alguma censura em particular ou de uma disciplina dura, mas sim dessa mescla de boas intenções, instintos domésticos e, sobretudo do pânico da dor da infância, que parece regular as relações dos adultos com as crianças: essa necessidade, que entendemos quando temos filhos, e sentimos as suas dores e seus fracassos mais insignificantes, de fazê-los felizes, saudáveis, exitosos e sorridentes, embora saibamos que tudo isso, junto, e sempre, é impossível. Nesse marco, sei que vocês entendem, não era fácil falar com as crianças em um país como a Colômbia onde vivemos décadas particularmente difíceis, me especializei de forma repentina, em explicar o inexplicável: em dar palavras. Alguém tinha que falar com as crianças quando adultos oprimidos com a dor não sabiam como lidar com suas perdas, e não só pelo fato de escrever e ler para eles, mas sim por outras razões que vim descobrindo com o tempo, desenvolvi uma intuição para acompanhá-los em sua dor. Se os contos iam de nossas bibliotecas à casa das crianças em tempos cotidianos, com maior razão, tinha que fazer o mesmo em tempos de guerra.

Na *Espantapájaros* podiam encontrar livros que ajudassem a conversar nos momentos difíceis e a literatura nos envolvia nos fazia chorar e comover, mas também nos reunia e jogávamos. Porque sempre, com as crianças, inclusive em circunstâncias muito difíceis, há espaço para o riso, para o humor, para a fantasia. Essa foi uma experiência de aprendizagem, que devo também à literatura para crianças: essa viagem ao coração da infância que alguns fazem quando conhecem Pippi Meialonga, Max, Matida. Ou muito, muito antes...

Em uma menina estão todas as meninas. Minha mãe perdeu seu pai com a idade de Ana e minha sogra perdeu sua mãe com a idade de Ana, (os três anos podem ser uma época difícil na vida), e ao recordar que minha mãe parecia desfrutar enquanto nos lia

um livro tão triste como *Sem família* de Hector Malot, me dei conta de que havia sido por ela que eu aprendi as primeiras lições literárias relacionadas com o tema desse congresso. A literatura, esse lugar onde morriam um por um os personagens de *Sem família*, esse lugar onde ela e nós podíamos fracassar, morrer e ficar doente; esse lugar onde ela tinha medo de chorar diante de nós e não tinha medo de nossas lágrimas, de nossa dor, de nosso medo, ao ponto de que inclusive parecia proporcioná-los, talvez para poder falar sobre o que não falávamos em outros momentos, em situações domésticas, onde tudo tinha que caminhar bem: a casa, o colégio, as férias, a família... A literatura, esse lugar onde cabem os que se sentem excluídos, ou melhor, os sentimentos excluídos; esse ir e vir do mundo real, com suas contraditórias ao mundo imaginário, com seus sonhos e seus pesadelos, jogando e gravitando ao redor, entre dois mundos, como fazia Ana, para assegurar-se de que seu pai estava ali.

Um tempo depois a mãe de Ana faleceu e tive que ajudar sua família, dizer a ela com palavras mais simples. Com palavras mais terríveis.

- Mas eu quero que minha mãe volte - disse esses dias, muitas vezes. Às vezes triste, às vezes furiosa, às vezes quase em sussurros, quase sem fôlego, como se dando por vencida, com um fio de voz.

- Não vai voltar, meu amor. - Não havia outra forma de falar. Assim é a morte. Nunca mais.

Quando estamos tristes, não há conto que valha. Somente lágrimas e abraços.

Então, Ana se cansava de chorar, de alguma forma esquecia e voltava a brincar. A dor das crianças parece uma tormenta que inunda esses corpos tão pequenos, mas passa de repente e de repente eles têm fome ou querem brincar. Logo, quando se lembram, voltam ao estado de tristeza. Transforma-se em raiva, se comportam mal, mas logo voltam a sorrir. E dormem, mas despertam muitas vezes. Um movimento de vai e vem, entre o impulso de crescer, que é tão avassalador e a absorção da perda. Entre a memória da dor, mas também no esquecimento, porque as crianças são ingratas por natureza. Não são como nós que olhamos para trás, que abrigamos saudade. No entanto, paradoxalmente, ao mesmo tempo, eles precisam de alguém para reorganizar o mundo em palavras: esse mundo que se desordenou e eles tiveram que fugir.

Nesse tempo liamos muitos livros com Ana. Alguns, recomendados por nós eram esses livros sobre dor que a maioria de nós, que estamos nesse Congresso conhecemos e outros, os que ela continuava lendo, eram de temas e gêneros diversos, sem aparente relação com a morte de sua mãe. Várias vezes, para meu espanto, ela escolheu *Uma cama para três*, um livro escrito por mim e ilustrado por Ivar da Coll, em que Andrés, o protagonista, depois de muitas noites de pesadelo, consegue que seus pais o deixem dormir na cama grande, no meio deles, com um dragão que o persegue e que também encontra lugar na cama familiar. "Se cabem três na cama, cabem quatro, por que não?" é a frase final do livro e aí estavam os olhos de Ana, perdidos diante dessa imagem familiar que, naqueles dias, eu teria gostado de me censurar ou desaparecer. Um menino que dormia pacificamente nessa cama

grande, no meio dos pais, outra vez, outra vez, outra vez, olhava Ana, perdida nessa ilustração, pedindo essas palavras que a lembravam de que as mães existiam, que havia crianças que sim, tinham mãe, que sim, podiam dormir com o pai e a mãe em uma cama, em uma casa... Por que precisamente ela queria um livro que lembrava o que ela não tinha, um livro que lembrava a ela sua perda tão recente?

Há alguns meses falei sobre essa seleção de Ana em um debate em Buenos Aires e Mónica Weiss, minha amiga ilustradora, me disse da necessidade que temos, depois de uma perda ou um acidente, de devolver o tempo, com a ilusão de que assim chegaríamos a tempo de evitar a tragédia. Rondamos por esse lugar intacto, alguns segundos antes, carregando essas perguntas tão indesejáveis: O que teria acontecido se tivéssemos feito isso ou aquilo, o que teria acontecido se tivéssemos passado pelo outro lado?, pensamos muitas vezes e nos culpamos por não ter tido a lucidez de saber, de pressentir, de agarrar o objeto no ar... a mãe no momento em que estava indo, para tentar mudar o rumo. Talvez seja por isso que temos o impulso de voltar novamente, a esse instante onde estava o que ainda não havia quebrado, a esse instante anterior, podia não haver a ruptura, podia não ter acontecido. No caso de Ana, parecia essencial reviver esse momento, nessa casa, nessa cama, talvez na noite anterior, onde eles ainda estavam vivendo juntos e que já não poderia mais, que não voltaria mais, como em *O corvo* de Edgar Allan Poe.

Nunca mais...

Acaso não tem a ver com a ilusão da palavra, desde o início dos tempos, desde que as crianças pedem uma e de novo e de novo e de novo a mesma história para trazer de volta a voz da mãe, a voz que não está mais?

III. Ana Maria Matute diz que os escritores estão unidos por um laço comum: a agitação no mundo. Eu me pergunto se, ao contrário, o que acontece é que nós gravamos com palavras. Será uma variação da ideia de Toni Morrison (escritora americana, Prêmio Nobel de Literatura em 1993) sobre o ofício da memória que corresponde a certa pessoa, em certa profissão? Somos nós os escritores e também, de certa forma, os leitores que oficiam como notários, como escrivães desse desconforto, dessa estranheza, que começamos a sentir desde a infância? Será que a recordação desse mal estar foi o que sepultou, encerrou a infância e deixou sem válvulas para se comunicar com esta coisa chamada vida adulta, como se aprisioná-la entre os muros de um lugar comum (o suposto "paraíso da infância") ou dar pouca importância podem ter sido mecanismos de proteção para não ver como éramos, quando tínhamos tempo de saber, brincar e de temer, quando não estávamos tão ocupados em nossa *vida adulta*?

A gente sempre escreve contra a morte, diz a autora Rosa Montero em seu livro *A louca da casa*... Os narradores são as pessoas mais obcecadas pela morte; creio que percebemos o passar do tempo com mais sensibilidade ou perversidade. Com o passar dos anos fui descobrindo por meio da leitura de biografias e por conversas com outros autores que um elevado número de romancistas tiveram, muito cedo, a experiência da decadência.

(Ela menciona Nabokov, Conrad, Vargas Llosa, Kipling, e nós poderíamos mencionar muitos outros)... Digamos que aos seis, ou dez ou doze anos, viram como o mundo de suas infâncias não era legal e desapareciam para sempre de maneira violenta. Essa violência pode ser exterior e objetiva: um progenitor que morre, uma guerra, uma ruína. Outras vezes, é uma brutalidade subjetiva que somente os autores percebem e não estão dispostos a falar; por isso, o fato de não haver constância nessa catástrofe privada, não quer dizer que não tenha existido. (Eu também tenho minha dor pessoal e não conto)

E vocês?

Ana María Matute tem um livro chamado *As crianças bobas*, uma série de relatos sobre crianças, que não se encaixam, como sempre houve, em todas as épocas, embora antes se denominasse bobo ou “a boba do povo” e agora se chamam gordos, nerds, imigrantes, perdedores ou podemos dar nomes científicos como crianças com déficit de atenção e que tranquilizamos com Ritalina. No prólogo desse livro está escrito:

Muitas vezes digo que se eu escrevo é porque não sei falar... talvez tenha algumas partes nele que indiquem que eu era uma criança gaga: mas muito gaga... Como não podia expressar-me igual às outras meninas, como me sentia ilhada do mundo que me rodeava... minha infância transcorreu, em sua maior parte, mergulhada na dor e na solidão... a solidão de uma menina cujas palavras sempre faziam com que seus companheiros de classe rissem. Incluindo professores e até mesmo seus irmãos. Risos e brincadeira, que os anos desculpam, mas que não posso esquecer... Eu gostava de estudar e o fazia, mas não podia recitar minhas lições ou responder as perguntas feitas em classe. E acabei sendo a última, com as repressões e ameaças representadas, acabaram por me isolar definitivamente... Assim, já que a vida ou o mundo me rejeitavam, por assim dizer, tive que eu mesma, inventar o mundo e a vida... Depois de perguntar-me: quem inventou minha vida?, decidi inventá-la eu mesma e em seguida comecei a escrever. Descobri que a solidão podia ser algo verdadeiramente belo, mesmo ignorado. E logo, a solidão trocou de figura, se converteu em outra coisa. Cresceu assim como a sombra de um pássaro cresce na parede, voa e vira algo fascinante: algo parecido com a revelação da outra face dessa vida que nos rejeita. Assim aprendi a ver o brilho da escuridão. Eu queria (ao invés das outras crianças) ser castigada em um quarto escuro, para ver o brilho do nada. E, me lembro de um dia, ao partir entre meus dedos um torrão de açúcar, brotar na escuridão um brilho azul. Não podia explicar até onde esse brilho azul me levou. Mas creio que ainda hoje posso, às vezes, ver luz na escuridão ou, melhor dizendo, a luz da escuridão. Isso é o que faço quando escrevo.

Enquanto escrevo Tateando, lembro novamente aquele velho exemplar de *Sem família* e penso que a literatura se atreveu a me levar para o fundo da dor, quando nada de terrível acontecia comigo. E volto ainda mais atrás para lembrar, com *O patinho feio*, minha sensação de não pertencer a nenhuma família, e volto a escutar a voz de minha tia lendo para nós os contos de Oscar Wilde e penso na sensibilidade desse homem que foi perseguido pela sua homossexualidade, inventando histórias a cada noite para seus filhos Cyril e Viviany dizendo-lhes que as coisas

belas sempre fazem chorar. Pergunto-me onde posso ter aprendido mais sobre a condição humana, mais da dor e da maldade, da culpa e da exclusão, da beleza e da emoção, do riso e do amor do que na literatura. Enquanto os discursos da vida cotidiana insistem em educarmos, normalizarmos, moralizarmos, domesticarmos, enquanto me ensinavam a não ser tão fraca nem tão tímida, a não ser tão desajeitada e nem tão vulnerável, enquanto eu tentava me defender com a voz, argumentar sem ter que levantar-me da mesa familiar em um mar de lágrimas e participar da classe sem ficar corada como um tomate, enquanto me diziam “isso não é nada” quando me doía tanto, a literatura me mostrava outros caminhos: o que não se podia controlar, o que não se dizia nas visitas, o que dói. Se cito essas velhas histórias que li quando era criança é para reagir contra um lugar comum que afirma que a literatura contemporânea para crianças está descobrindo como abordar temas difíceis, porque isso sempre foi falado, além do riso, do belo e do bom, mas unindo lágrimas com o mais grotesco e com a maldade: tudo junto. Por isso que enfeitiça, por isso que nos fascina.

Para além dessa fase de iniciação da concorrência que é a escola e também desse “curral da infância”, como chamava Graciela Montes (escritora argentina) a esse sino que muitas vezes condenam aos menores e onde, apesar de seu terrível desamparo, parecem não ter lugar os vulneráveis, os fracos, os doentes, os velhos, os perdedores, os que choram – e pior se eles são homens, porque dizem “meninas”-, o mal esportista, os medrosos, os que têm pesadelos, em suma, os distintos, a literatura aparece como cama e dragão, memória e perda, para voltar a Ana. Diante da incapacidade de lidar com o que não pode ser controlado, com o que não é homogêneo nem previsível, ao que implica uma resposta inédita, que não foi ensaiada e nem provada previamente, a literatura pode ajudar a lidar com tantas emoções que lutam dentro de nós desde o começo da vida e das que geralmente pouco se fala quando é criança, com a ilusão adulta de que não existe aquilo que não está nomeado. Nesse sentido, Rosa Montero tem razão quando afirma que “talvez, em realidade, todos os escritores escrevem para cicatrizar com palavras os insuportáveis silêncios da infância”.

Estes silêncios parecem um paradoxo, no meio da agitação e incessante fluxo da vida cotidiana, com tantos entretenimentos que não convidam à reflexão ou escolha, mas sim para participar imediatamente, porém, creio que todos conhecemos essa mescla de silêncios e ruídos que transcorrem na vida das crianças. (Basta pensar em um domingo em um shopping center!)... Justamente por isso, as crianças e nós também, os não tão jovens, necessitamos encontrar um lugar isolado onde seja possível falar línguas distintas da língua uniforme. Se há cinquenta anos enfrentávamos o tabu do sexo, hoje o sofrimento, a doença, a morte e até a gordura aparecem também como tabus que conspiram contra esse mandato de felicidade coletiva. E assim como renega aos idosos, essa cultura também renega a infância. Para continuar falando de meninas, muitas delas que hoje tem seis ou sete anos celebram seus aniversários em lugares chamados spa, com máscaras e rodela de pepino que cobrem seus olhos e banem suas infâncias para lutar com tudo o que tem de pessoal, de singular,

de hereditário, de imperfeito no próprio corpo: esse corpo desalinhado e jogado que é território da infância. Nessa mesma Cidade do México, na FILIJ³, falávamos ano passado dos meninos homens do meu país que foram vítimas de recrutamento ilegal por volta dos 11 anos – de novo essa idade: os onze anos! – e hoje quero falar das meninas, porque as meninas também vivem tempos difíceis, não me refiro somente às da Nigéria ou Gaza, ou a tantas outras meninas da guerra. Os corpos das meninas, temo que em todos os países, são um dos territórios em que mais aparece a diferença.

IV. O certo é que a infância não é precisamente, ou somente, um paraíso e algo disso que não sabemos descrever ou reconhecer e que nas crianças parece ocultar-se ou revelar-se, ou as duas coisas de uma vez, na literatura. Como afirma o filósofo inglês Michael Oakshott ao referir-se à cultura, podíamos também dizer que a literatura permite “escutar essa conversa com a qual os seres humanos buscam eternamente compreender a si mesmos”, esse “convite ao interesse pelo o que ainda não está compreendido”. Esse mundo, não de fatos, mas de, significados compartilhados que se interpretam entre si, vai configurando outra dimensão mais além do factual, outra camada de vida que podíamos chamar de simbólica. Por isso, em situações difíceis como as que enfrentamos depois de uma catástrofe – exterior ou interior –, a memória simbólica cobra tanta importância.

Na *A atualidade do belo*, Gadamer nos relembra o significado da palavra símbolo:

No princípio, símbolo era uma palavra técnica da língua grega e significa «tábua de recordações». O anfitrião presenteava seu hóspede com o chamado bilhete de hospitalidade; cortavam uma tabela em dois, conservando umas das metades para si e presenteando a outra para o hóspede para que, se por acaso depois de trinta ou cinquenta anos voltasse à casa um dos descendentes desse hóspede, poderiam reconhecê-lo juntando mutuamente os dois pedaços.

O símbolo era então, uma espécie de passaporte, um pedaço de tábua que se guardava e que se juntava, tempos depois, com o outro pedaço, para reencontrar com um antigo conhecido. Uma vez mais, a história das palavras resulta mais eloquente do que um tratado hermenêutico.

O símbolo, a experiência do simbólico – sigo citando Gadamer – quer dizer que este indivíduo, este particular, se representa como um fragmento de Ser que promete complementar em um todo íntegro o que corresponde com ele; ou, também, quer dizer que existe outro fragmento, sempre buscando, que complementar em um todo nosso próprio fragmento vital... A experiência do belo e, em particular, do belo na arte, é a vocação de uma ordem íntegra possível, onde quer que este se encontre.

Esta evocação de um possível fim, em que parecemos nos reconhecer poderia me ajudar a juntar muitas pedrinhas que ficaram

soltas no decorrer do caminho: os livros dessa biblioteca que lemos com os líderes em busca de uma rota para conectar-nos novamente com a infância... os olhos de Ana vendo a imagem de uma perda, revisitando o reino perdido para sempre e reencontrando nas palavras... As meninas que fomos em diversas épocas, todas: as leitoras, escritoras, contadoras: as Scherezades que impedem a morte tecendo histórias. E, nessa linguagem contínua, a escrita como trabalho de ir pela vida recolhendo e lapidando pedrinhas para transformá-las em símbolos, para que quando um leitor as junte com as suas, sinta que alguém o reconhece e o chama pelo nome.

Essas lições culturais não são evidentes e necessitam, ainda, serem ensinadas em um sentido profundo que transcende o didático. Devemos ensinar pelo exemplo, e eu acho que essa é a razão que nos traz aqui neste Congresso, que os livros já foram vozes de outras pessoas, histórias de outras pessoas, e que a experiência de pertencer a uma família humana também reflete em um horizonte de consciência comum representado pela linguagem. Que há uma língua distinta para usar todas as faculdades do cérebro e todos os registros da voz, ou melhor, para dar voz, a esse “acúmulo de vidas sem contar” como dizia Virgínia Woolf.

Nessa disponibilidade de ascender a um conhecimento sensível, nessa língua que fala de nós mesmos e que nos trata como irmãos, com as raízes humanas que compartilhamos, há uma promessa para construir, desde a bibliodiversidade, uma polifonia. Ou, para falar com as palavras do professor Alessandro Baricco, “Todos somos uma página de um livro, mas de um livro que ninguém nunca escreveu e que em vão buscamos nas estantes de nossa mente”.

Talvez por isso, porque no fundo somos meninos únicos, meninas únicas, necessitamos ler, nos envolver, nos abrigar em palavras.

Notas

¹ *Discurso proferido no 34º Congresso Internacional Ibbby. “Que todos signifiquem todos”. Cidade do México, sexta-feira, 12 de setembro de 2014.*

² *O nome de Ana é fictício, mas a menina é real.*

³ *Segredos que não sabem que sabem. Conferência inaugural lida pela autora no Seminário de Promotores de Leitura da Feira Internacional do Livro Infantil e Juvenil, FILIJ, em novembro de 2013 na Cidade do México.*

Bibliografia

- Baricco, Alessandro.* Mr. Gwyn. Barcelona, Anagrama, 2012
- Gadamer, Hans George.* A atualidade do belo. Barcelona, Paidós, 1991.
- Matute, Ana María.* As crianças bobas. Valencia, Mediavaca, 2000.
- Montero, Rosa.* A louca da casa. Bogotá, Alfaguara, 2003. (p, 13, 14, 15)
- Oakshott, Michael.* A voz da aprendizagem liberal. Buenos Aires, Katz editores, 2009.

90 anos da Associação Brasileira de Educação

A Associação Brasileira de Educação – ABE, comemorou seus 90 anos de existência dia 15 de outubro no auditório do Museu da República, no Catete, Rio de Janeiro. Na cerimônia, a Fundação Roberto Marinho foi homenageada com a medalha comemorativa pelo aniversário da ABE. A gerente-geral de educação da Fundação, Wilma Guimarães, recebeu a medalha do presidente da ABE, João Pessoa de Albuquerque, que explicou a escolha pela afinidade ideológica e filosófica entre as duas instituições, por acreditarem na afetuosidade aplicada à educação e pelos trabalhos nas comunidades carentes. O Secretário estadual de Educação do Rio de Janeiro, Wilson Risolia, também compareceu ao evento.

A ABE tem um importante papel para a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil desde a sua criação em 1968, como um dos órgãos instituidores. A FNLIJ esteve presente na cerimônia, representada por Marisa Borba, do Conselho Diretor, para comemorar e parabenizar a instituição pela data.

Como a mais antiga instituição educa-

cional do país, a ABE sempre esteve envolvida no debate de importantes questões sobre a educação. Em 1924, poucas pessoas tinham acesso ao ensino e nos dias atuais a distribuição democrática do saber ainda é uma questão difícil no país. Além de enfrentar os principais problemas que obstruíam o desenvolvimento da educação brasileira, a criação da ABE no dia 15 de outubro, dia do professor, guarda um significado especial pelo trabalho da instituição de valorização deste profissional, uma das prioridades nas reuniões dos membros, de acordo com João Pessoa de Albuquerque. *O profissional do magistério é o de maior importância e efeito multiplicador em qualquer sociedade. Somos o que somos hoje graças ao trabalho deles. Nós, da ABE, precisamos ter força e poder a fim de valorizá-los proporcionalmente a sua importância social*, declarou o presidente da ABE.

Ao longo dos 90 anos, a ABE reuniu um acervo de documentos que registram as diversas Conferências Nacionais de Educação que promoveu, com a participação de educadores de todo o país,

para debater importantes questões educacionais. O acervo, considerado de utilidade pública em 2008, tem servido de base para preparação de teses de mestrado e doutorado, livros e pesquisas. A associação também é responsável por um dos movimentos que transformaram a educação brasileira – o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, assinado em 1932 por 26 intelectuais, entre os quais Anísio Teixeira e Cecília Meireles. Em 1931 acontecia um movimento católico que externava seus conflitos com os escolanovistas (representantes do movimento de renovação do ensino) pelo ensino religioso. O pedagogo Dermeval Saviani retrata esse período como o equilíbrio entre a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Nova datados de 1932 a 1947. Na IV Conferência Nacional de Educação eclodia a ruptura entre “católicos” e “liberais” com a publicação do *Manifesto*, que se tornou base política e de modernidade que alicerçaria a educação e a sociedade brasileira até a atualidade. O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* está disponível no site www.dominiopublico.gov.br.

Ferreira Gullar é o novo membro da Academia Brasileira de Letras

O poeta Ferreira Gullar, que recebeu o Prêmio FNLIJ 2014 na categoria Criança com o livro *Bichos do Lixo*, da editora Casa da Palavra, na cerimônia de abertura do 16º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, é o mais novo membro da Academia Brasileira de Letras. Premiado também em 1998 com o Prêmio FNLIJ Tradução Crianças por *Fábulas de La Fontaine*, de Jean de La Fontaine, da editora Revan; em 2001 com o Prêmio FNLIJ Poesia, pelo livro *Um gato chamado gatinho*, da editora Salamandra e em 2003 com o Prêmio FNLIJ Tradução por *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, da editora Revan, o autor

maranhense foi eleito no dia 9 de outubro em primeiro escrutínio e vai ocupar a Cadeira 37, que pertencia ao poeta e tradutor Ivan Junqueira, morto em julho deste ano.

Nascido José Ribamar Ferreira em São Luís, Maranhão, no dia 10 de setembro de 1930, Ferreira Gullar, de 84 anos, é um dos mais consagrados autores brasileiros vivos. Seu primeiro livro foi publicado aos 19 anos de idade, *Um pouco acima do chão* e as principais obras são *A luta corporal*, de 1954, *Dentro da noite veloz*, de 1975, *Poema sujo*, de 1976 e *Na vertigem do dia*, de 1980. A cerimônia de posse será no final do ano.



**SALÃO
FNLIJ
DO LIVRO
PARA CRIANÇAS E JOVENS**

PROGRAMA-SE!

10 A 21 DE JUNHO DE 2015

Centro de Convenções SulAmérica

Av. Paulo de Frontin, 1 - Cidade Nova
Rio de Janeiro - RJ

RESERVAS E INFORMAÇÕES

e-mail: visitacaoescolar@fnlij.org.br

tel. 21 2215-3408 | 2262-9130

realização



movimento por um Brasil literário
*m*Brasil*lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



**QUERO MINHA
BIBLIOTECA**

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE - iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan Ltda; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Frase e Efeito e Editorial Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppa Ltda; Hedra Educação Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Ed.; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Ozé Editora Ltda EPP; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; Pinakothke Arte Ltda; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livreiro e Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda - Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Renata Farhat Borges, Sílvia Negreiros e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente), Ana Lígia Medeiros e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Leonardo Chianca, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Sílvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

